



Prevenção da violência: crianças e adolescentes escolares em foco na extensão universitária

Jéssica de Alencar Ribeiro¹

jessicalencar8@gmail.com

Susanne Pinheiro Costa e Silva²

susanne.pc@gmail.com

Ana Carla Casado de Figueiredo³

anacarlacasado@gmail.com

Isabella Martelleto Teixeira de Paula⁴

bebelamartelleto1@gmail.com

1 Discente de graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

2 Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado (UFRN) e graduação em Enfermagem (UEPB). Docente do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Universidade Federal de da Paraíba (UFPB).

3 Discente de graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

4 Discente de graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

RESUMO

O artigo objetiva descrever o conhecimento de escolares sobre a prevenção da violência contra crianças e adolescentes. As ações desenvolvidas ocorreram em uma escola da rede pública de João Pessoa/PB através de métodos lúdicos. Identificou-se que grande parte dos participantes não sabia identificar possíveis manifestações ou sinais de violência contra tal público; não conhecia a rede de apoio para casos de violência; naturalizaram situações de violência comunitária experienciadas. Desse modo, a vivência dos extensionistas no local permitiu compreender as percepções dos participantes sobre o tema e ir além, contribuindo para o aprimoramento dos saberes da comunidade e ampliando a autonomia para modificarem a realidade em que possam estar inseridos no que tange ao enfrentamento da violência contra o público infanto-juvenil.

Palavras-chave: Violência. Criança. Adolescentes. Prevenção. Extensão universitária.

ABSTRACT

The purpose of the article is to describe the knowledge of students about the prevention of violence against children and adolescents. The actions developed took place in a public school in João Pessoa/PB using playful methods. It was identified that most of the participants did not know how to identify possible manifestations or signs of violence against such public; did not know the support network for cases of violence; naturalized situations of community violence experienced. In this way, the experience of the extension workers in the place allowed to understand the participants' perceptions about the theme and go further, contributing to the improvement of the community's knowledge and expanding the autonomy to modify the reality in which they may be inserted when it comes to confronting violence against children and young people.

Keywords: Violence. Child. Adolescent. Prevention. University extension.

1 Introdução

A violência é considerada um fenômeno social que interfere negativamente na qualidade de vida da população. O tema é elencado como um problema global de saúde pública que ocorre das mais diferentes formas e em contextos variados, tornando-se um desafio a ser enfrentado mundialmente (MARTINS et al., 2017).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a violência como ato intencional que se utiliza da força ou do poder contra si, contra um ou vários indivíduos, podendo acarretar em inúmeras consequências à vítima, dentre elas problemas sociais, emocionais, psicológicos e cognitivos. Por ferir os direitos humanos fundamentais, impacta significativamente na qualidade de vida da população, com danos a serem enfrentados ao longo da vida de quem vivencia este tipo de situação (CEZAR; ARPINI, 2018). Pode manifestar-se sob diferentes formas, dentre elas a violência física; violência psicológica; violência sexual e negligência (OMS, 2002; MOREIRA et al., 2017).

Crianças e adolescentes têm sido apontados como um grupo bastante vulnerável a sofrer violência, sendo necessário o desenvolvimento de estratégias para que seja possível enfrentá-la. A identificação precoce e medidas de prevenção da violência contra este grupo podem reduzir o aumento dos casos (SOUZA; SANTOS, 2013).

No que tange à prática de violência contra o segmento infanto-juvenil, essa é uma realidade presente no Brasil que vem ganhando destaque na atualidade. De acordo com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), no ano de 2018, das 152.728 mil denúncias de violações recebidas pelo Disque 100 (Disque Direitos Humanos), cerca de 50% ocorriam em vítimas com a faixa etária situada entre 0 e 17 anos (BRASIL, 2019).

Deve-se considerar que esse público se encontra em estágio peculiar de desenvolvimento e crescimento físico, mental e social, o que o torna vulnerável à violência em diferentes contextos e espaços. Não obstante, o ambiente domiciliar é um dos locais mais favoráveis para tal acontecimento e com maior frequência de ocorrência de violência (NUNES; SALES, 2016).

As ações para o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes demandam estratégias que devem ir além de intervenções para os agravos causados por ela. É fundamental dar ênfase a estratégias de prevenção da violência e promoção da saúde. Dessa maneira, pode-se compartilhar conhecimentos e intervir de forma precoce, visando inibir a sua produção, reprodução e até mesmo a perpetuação da violência infanto-juvenil (SONEGO; KOLODY, 2011).

Nesse contexto, a escola é um cenário privilegiado para o desenvolvimento de recursos que visem o enfrentamento da violência contra menores, pois concentra crianças e adolescentes de idades e realidades

diversas, passíveis de sofrerem tal violação. Faz-se necessário, então, que ações de combate à violência sejam voltadas a toda a comunidade escolar, com o intuito de conscientizar sobre a temática, além de potencializar o espaço como um local para prevenção, identificação e comunicação de possíveis casos (RISTUM, 2010).

Na busca pela compreensão da realidade devido à complexidade da violência contra crianças e adolescentes na sociedade, o intuito das ações promovidas por um projeto de extensão foi compartilhar conhecimentos através do uso de jogos e brincadeiras sobre o tema, disseminando informações que possibilitem a identificação de casos e prevenção comunitária. Destarte, este artigo objetiva descrever o conhecimento de escolares sobre a prevenção da violência contra crianças e adolescentes em João Pessoa-PB.

2 Metodologia

O projeto foi realizado a partir de uma extensão universitária intitulada “Brincando e aprendendo para a promoção da saúde e prevenção da violência através de jogos e brincadeiras em escola da rede pública”, vinculada ao Departamento de Enfermagem e Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba. Participaram oito alunos (1 bolsista e 7 voluntários) e quatro docentes do curso de Enfermagem, além de um técnico em educação.

As atividades envolvendo a temática “Violência contra a criança e o adolescente” foram desenvolvidas entre os meses de setembro a novembro de 2019, com alunos do ensino fundamental II de uma escola estadual do município de João Pessoa. A escola escolhida recebe crianças e jovens advindos de uma comunidade carente da região, a qual demanda assistência em diversas áreas.

Estes, por sua vez, estão inseridos em um contexto de violência estrutural, desigualdade econômica e tráfico de drogas, com um alto nível de vulnerabilidade para sofrer violência, que é naturalizada na mediação de conflitos no próprio ambiente escolar, sendo a realização das ações no local imprescindível.

A escolha deste grupo e local ocorreu a partir de um projeto de extensão anterior, através do qual identificou-se a fragilidade do alunado no que tange à violência, sendo solicitado também pela direção da escola o desdobramento de um novo plano que abordasse o assunto.

Para tanto, os discentes passaram por uma preparação com toda a equipe e convidados externos, desmitificando a discussão sobre violência infantil e preparando-se para serem os protagonistas das ações de extensão juntamente com os escolares. A inserção no campo da ação só ocorreu quando o grupo se sentiu preparado para tal. Semanalmente, os alunos extensionistas visitavam a escola para realizar atividades em diferentes turmas. Cabe destacar que todo o material utilizado nos encontros foi produzido por eles.

Para abordagem da temática foram realizados encontros prévios com ações pontuais, abordando temas que estimulam o respeito e interação entre os alunos, além de possibilitar a criação de uma relação de vínculo e confiança com os extensionistas. Ademais, o projeto possibilita à equipe conhecer a realidade dos escolares e sua percepção sobre o meio em que vivem, visando traçar estratégias que despertem interesse para a educação em saúde. As intervenções propriamente ditas sobre violência contra crianças e adolescentes ocorreram em momentos diferentes, abrangendo alunos do 6º ao 9º ano separadamente.

Na primeira intervenção realizada acerca da violência com cada turma, buscou-se identificar a percepção e conhecimento dos alunos sobre a temática através de cards (cartas) que apresentavam imagens de personagens (heróis e vilões) de revistas em quadrinhos, os quais eram conhecidos pelos alunos. As cartas foram distribuídas entre eles, com divisão da turma em diferentes grupos para que construíssem uma estória que abordasse algum tipo de violência envolvendo os personagens. Posteriormente, tais narrativas eram apresentadas aos demais, apoiados pelos extensionistas em toda a atividade, culminando com uma roda de conversa para discussão das histórias compartilhadas e troca de conhecimento e informações sobre o assunto (Fig. 1).

Já a segunda intervenção teve como tema a violência sexual contra crianças e adolescentes. O objetivo da ação foi despertar nos escolares a reflexão e conscientização sobre este crescente fenômeno, que ocorre de forma silenciosa e, na maior parte das vezes, o agressor é alguém próximo da vítima. A estratégia utilizada iniciou-se com um cine-pipoca, através do qual foram apresentados alguns vídeos instrucionais de livre circulação na internet (Fig. 2). O material abordava situações de violência sexual infanto-juvenil e revelava desde estatísticas até estratégias de enfrentamentos, instruindo a vítima a se defender por meio de denúncia. Em sequência, foi realizada uma roda de conversa mediada pelos extensionistas, que incentivavam a participação dos alunos utilizando fragmentos dos vídeos assistidos, sendo estes os disparadores das discussões e reflexões sobre o tema.

Figura 1: Roda de conversa para discussão das histórias compartilhadas



FONTE: Acervo do projeto

Figura 2: Cine pipoca com apresentação de vídeo instrucional sobre violência sexual



FONTE: Acervo do projeto

3 Resultados e discussão

Participaram das atividades cerca de 40 alunos, com faixas etárias entre 12 e 17 anos de idade. Cabe ressaltar que a escola atende a um número reduzido de escolares no ensino fundamental II. Durante a execução do projeto, percebeu-se que boa parcela dos alunos apresentava dificuldades no que diz respeito à leitura e escrita. Dessa forma, as estratégias utilizadas nas ações foram planejadas com o devido cuidado quanto ao uso desses recursos, pretendendo não reprimir a participação deles e nem causar constrangimento.

Nesse sentido, a estratégia de apresentação do teatro de cards com os personagens dos quadrinhos (Fig. 3) facilitou a abordagem do tema violência, pois provocou o interesse e a participação ativa dos alunos

na atividade através do brincar. Verificou-se, em tal atividade, a percepção dos alunos sobre a temática, constatando-se que a violência física foi predominante em seus relatos quando falam sobre o tema, incluindo sua utilização para a resolução de conflitos entre eles.

Figura 3: Apresentação das estórias sobre violência através do teatro



FONTE: Acervo do projeto

Nesse íterim, as estratégias que utilizam dinâmicas de interação, brincadeiras e recursos didáticos como vídeos, filmes e outros, são ótimas disparadoras para facilitar a discussão sobre temáticas especiais, como ocorre no bate-papo que ocorreu (BRASIL, 2011). Somando-se a isso, no que tange à equipe extensionista, tais recursos contribuem para a formação do vínculo com o grupo trabalhado e fortalecimento dos laços entre a equipe para o desenvolvimento de atuações que visem o enfrentamento de temas difíceis.

Os demais tipos de violência, dentre elas o abuso e a exploração sexual, assim como a violência psicológica e negligência, não foram citados. Na discussão, observou-se que, ao introduzir as diversas formas de violência, os alunos não conseguiam identificar possíveis manifestações, sinais ou sintomas que as caracterizassem, o que contribui sobremaneira para o seu desconhecimento.

O (des)conhecimento sobre violência não é algo inexistente apenas no universo de crianças e adolescentes. Cezar e Arpini (2018) apontam que um dos desafios para a notificação de casos de violência infanto-juvenil é a pouca informação sobre o assunto, incluindo professores e profissionais de saúde, figuras importantes para o enfrentamento do problema. Como resultado, há maior dificuldade de identificação dos casos, refletindo em subnotificação, o que contribui para a perpetuação da violência na sociedade.

Além disso, foram criadas situações de violência comunitária em apresentações de turmas distintas. Em determinado grupo, foi narrada a estória de um assalto a banco em que dois amigos costumavam atacar. Em um determinado momento, um deles foi morto em confronto com a polícia. O outro continuava a cometer crimes e seu irmão, por medo de perdê-lo, tentou impedi-lo, ocasionando desentendimento e luta corporal entre eles. Nesse momento, o super-herói escolhido pelos alunos entra em ação, dialogando e conseguindo convencê-lo a sair do mundo do crime.

Outra turma narrou a estória de duas meninas brincando na rua em que moravam. Em dado momento, surgiu um carro que as abordou e ordenou que entrassem no veículo. Ao se recusarem, os indivíduos tentaram colocá-las à força. Nesse momento, o super-herói chegou e impediu o possível sequestro.

Nessas contações, percebe-se a constante exposição das crianças à violência comunitária em seu cotidiano, que também refletem suas percepções sobre o tema através de estórias que retratam histórias vividas por pessoas próximas, conforme expuseram. A naturalização da violência acaba tornando a discussão sobre o tema parte de situações habituais entre os alunos, tendo em vista que tal realidade é corriqueira no ambiente em que estão inseridos.

De acordo com Pinto e Assis (2013), crianças e adolescentes em situações socioeconômicas empobrecidas, especialmente em localidades onde há escassez de recursos como moradia, saúde, educação e segurança pública, estão frequentemente mais expostas à violência, tornando-se vulneráveis. A vivência nesse contexto pode ser altamente prejudicial ao indivíduo, trazendo consequências negativas para seu desenvolvimento e danos à saúde. Além disso, eles podem compreender que essa realidade é comum e habitual em suas vidas, naturalizando-a e repetindo em suas relações atuais e futuras.

A segunda intervenção sobre o tema abordou transversalmente o enfrentamento da violência sexual, consistindo em um momento de sensibilização do grupo. Percebeu-se a compreensão da complexidade deste fenômeno pelos escolares, o que foi expressa através da troca de informações entre eles.

Através de vídeos que trabalhavam dimensões da violência sexual infanto-juvenil, chamou a atenção o fato de alguns alunos tratarem o tema como irrelevante, relegando-o às situações apresentadas. Mais uma vez foi identificado o quanto tais situações estão presentes em suas rotinas, tornando a discussão do tema, por vezes, banalizada.

Cabe destacar que a violência sexual, além de ser um problema de difícil investigação, é extremamente constrangedora para as suas vítimas, que apresentam dificuldades para denunciar suas “tragédias pessoais” por se tratar de uma experiência danosa, humilhante e traumática à saúde física e mental. Em se tratando de crianças e adolescentes, a dificuldade de investigação é ampliada devido à condição de dependência e imaturidade própria da faixa etária. Portanto, ela nunca deve ser vista como uma situação medíocre (SENA; SILVA; FALBO NETO, 2018).

Nesse sentido, no momento propício da problematização e discussão do tema (Fig. 4), realizou-se a educação em saúde, demonstrando que a violência é algo que está enraizado em nossa sociedade, mas não deve ser aceito. Foi perceptível a mudança de comportamento dos alunos e o aumento do interesse sobre o tema, que alcançou a atenção integral de todos os participantes. Das diversas questões trabalhadas nos vídeos, o aspecto de maior interesse consistiu nos prejuízos que a violência ocasiona à vítima, envolvendo a importância de não julgar e manter a empatia pelos outros.

Figura 4: Problematização da temática violência sexual através dos fragmentos de vídeos que abordam o assunto



FONTE: Acervo do projeto

Destarte, o abuso sexual infanto-juvenil no Brasil, além de estar relacionado a fatores preocupantes do ponto de vista socioeconômico, acarreta em impactos de magnitude elevada sobre indicadores de saúde mental das vítimas. Por isso mesmo, elas merecem respeito, bem como medidas que expandam os horizontes para novos modelos de terapias, acompanhamento e prevenção de casos (FONTES; CONCEIÇÃO; MACHADO, 2017).

Complementarmente, durante os encontros, ao mencionar o Estatuto da Criança e do Adolescente como um marco legal de proteção ao direito destes, a maioria desconhecia a sua existência. No entanto, eram reconhecidos seus direitos básicos perante a sociedade, como o direito à saúde, educação e segurança. Isso nos leva a refletir sobre a importância de tornar a escola um espaço de discussão sobre o assunto.

Os participantes também não conseguiam identificar os componentes da rede de apoio para denúncias. Acreditavam que apenas a polícia, o conselho tutelar e o Disque-denúncia deveriam ser acionados quando necessário. Não referiram os serviços de saúde e nem a escola como possíveis locais de enfrentamento às situações de violência.

Embora por muito tempo a saúde pública tenha sido apenas espectadora de casos de abuso, atuando somente de forma a reabilitar a saúde das vítimas hospitalizadas, nos dias de hoje seu papel é essencial para o enfrentamento, visando intervenções específicas e que também incluam a promoção, prevenção e reabilitação da saúde (CEZAR; ARPINI, 2018). Mesmo assim, de acordo com Nunes e Sales (2016), os

serviços de saúde geralmente são esquecidos pelas vítimas ou responsáveis, que não os consideram como local adequado para atender esse tipo de problema, o que corrobora com as ideias expostas.

Trabalhar a temática da violência com o grupo que, de certa forma, entendia o fenômeno como uma coisa corriqueira devido à sua presença cotidiana tornou-se um grande desafio para os extensionistas. Por isso, foi necessário utilizar diversas estratégias para que tal entendimento fosse desconstruído, provocando mudanças nos educandos, na comunidade em si e na equipe do projeto.

No início das ações percebeu-se que, de maneira evidente, o assunto incomodava, pois os menores estavam sendo retirados da sua zona de conforto e convocados a refletirem não só sobre a violência que os cercava e que podia transformá-los em vítimas, mas também sobre os seus próprios comportamentos e atitudes uns com os outros, o que os torna perpetradores do fenômeno. Mesmo diante de alguns comportamentos tumultuosos, ansiavam pelo desenvolvimento das ações na escola, conforme expuseram. Ao longo das discussões, as condutas foram sendo modificadas, o interesse e a participação se tornaram maiores e a equipe passou a ser muito bem recebida pelos jovens.

Assim sendo, a experiência foi de grande valia para os extensionistas, tendo em vista que o tema principal do projeto é pouco trabalhado no curso de graduação. Por vezes, ele foi discutido de forma fragmentada e relacionada a outros assuntos. Dessa forma, o contato com a extensão oportunizou a aproximação mais efetiva com a comunidade, o assunto e, mais ainda, a aplicação do conhecimento no campo prático.

Como afirmam Martins et al. (2017):

os projetos de extensão universitária também se constituem como importante método para melhorar o acesso à informação do profissional em formação, pois possibilitam uma associação dos conhecimentos adquiridos com vivências práticas na comunidade, sendo um momento oportuno para conhecer as demandas e os problemas existentes (MARTINS et al., 2017, p. 163).

A participação no projeto contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da futura profissão, pois a violência é algo presente na sociedade e que demanda a atenção de diversas áreas e profissões. Dentre elas, encontra-se o profissional de enfermagem, que precisa ser capacitado para prestar cuidados aos possíveis agravos que a violência infanto-juvenil possa vir a causar, como também para traçar estratégias de prevenção sobre o assunto.

Nesse sentido, como relatam Castro, Moura e Rafael (2016), a promoção da saúde integrada à atenção é uma estratégia de produção de saúde que dever estar articulada às demais políticas sociais, fortalecendo a autonomia e melhorando a qualidade de vida da população. A incorporação de conhecimentos do campo da promoção da saúde potencializa a aquisição de novas habilidades e atitudes, possibilitando a indução de novas práticas no cuidado pelas equipes de saúde, aprimorando o processo formativo.

Por fim, o projeto oportunizou o amadurecimento do grupo de estudantes extensionistas que participou das discussões sobre o assunto, elaborando estratégias e brincadeiras que despertassem o interesse, contribuindo para a tomada de decisão acerca da abordagem com os escolares, além de compreender melhor a importância de atuar na promoção da saúde perante os mais diversos ambientes e dispositivos sociais que são parte da comunidade.

4 Considerações finais

Através de ações de educação em saúde, o projeto de extensão conseguiu alcançar seus objetivos, contribuindo para o enfrentamento da violência infantil e, conseqüentemente, para a qualidade de vida e bem-estar dos escolares participantes. Nesse sentido, a compreensão e compartilhamento dos conhecimentos propiciou agir através da promoção da saúde e prevenção da violência. Além disso, permitiu o desenvolvimento da autonomia dos escolares para que esses jovens se tornem agentes transformadores de sua realidade, modificando o seu olhar sobre a violência infanto-juvenil, antes banalizada e relegada a segundo plano.

A interação do grupo da extensão universitária com o ambiente escolar descortinou-se como importante estratégia para combater a violência e desenvolver mudanças nesse espaço, priorizando, através das ações executadas, a relação entre violência e possíveis danos à saúde do indivíduo, família e comunidade.

O desenvolvimento das ações do projeto permitiu o estímulo à autonomia e potencialidades do sujeito frente a sua realidade, incluindo as mudanças que devem ocorrer a partir de ações individuais, além de transformá-los em multiplicadores do conhecimento construído, contribuindo para a interrupção do ciclo de violência comunitária.

Para o grupo extensionista, é gratificante perceber os resultados do projeto, que seguramente ocorrerão também a longo prazo, já que foi possível sentir a transformação nos alunos durante o projeto.

Isso demonstra que o enfermeiro pode transformar, através da educação em saúde, a realidade de sua comunidade, especialmente quando o trabalho é realizado em equipe.

Decerto, a extensão universitária é uma estratégia indispensável no enfrentamento de problemas e questões sociais inerentes à comunidade na qual ela está inserida, com o intuito de contribuir para a transformação do viver da população. Essa atividade não somente permite o compartilhamento de informações sobre a temática, como também a compreensão da realidade e demandas inerentes às percepções e carências acerca do tema em questão.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Metodologias para o Cuidado de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violência**. Ministério da Saúde. Brasília-DF, 2011.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e Direitos Humanos. **MMFDH**. 2019. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/junho/criancas-e-adolescentes-balanco-do-disque-100-aponta-mais-de-76-mil-vitimas>> Acesso em: 05 de jan de 2020.

CASTRO, A. A.; MOURA, A. T. M. S.; RAFAEL, R. M. R. A violência familiar sob a ótica da promoção da saúde: a trajetória do município do Rio de Janeiro. **Rev. APS**, v.19, n.1, p. 115 – 121, 2016.

CEZAR, P. K.; ARPINI, D. M. Notificação compulsória da violência como possível fator de proteção à infância e a adolescência. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 114-123, 2016.

FONTES, L. F. C. CONCEIÇÃO, O. C.; MACHADO, S. Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 22, n. 9, pp. 2919-2928, 2017.

MARTINS, D. C.; et al. Violência: abordagem, atuação e educação em enfermagem. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**. Aracaju, v.4, n.2, p. 155-168, 2017.

MOREIRA, K. F. A. et al. Perfil das crianças e adolescentes vítimas de violência. **Rev Enferm UFPE on line**, Recife, n.11, v.11, p.4410-4417, 2017.

NUNES, A. J.; SALES, M. C. V. Violência contra criança no cenário brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.21, n.3, p.871-880, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Genebra, 2002.

PINTO, L. W.; ASSIS, S. G. Violência familiar e comunitária em escolares do município de São Gonçalo. **Rev Bras Epidemiol**. Rio de Janeiro, v.16, n.2, 2013.

RISTUM, M. A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola. **Temas psicol**. Ribeirão Preto, v.18, n.1, p.231-242, 2010.

SENA, C. A.; SILVA, M. A.; FALBO NETO, G. H. Incidência de violência sexual em crianças e adolescentes em Recife/Pernambuco no biênio 2012- 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 23, n. 5, pp. 1591-1599, 2018.

SONEGO, C.; KOLODY, A. Projeto de extensão prevenção da violência contra crianças e adolescentes: estudos e articulações da rede de atendimento no município de Guarapuava-PR. In: VII ENPPEX, **Anais**. Campo do Mourão: FELICAM, 2011.

SOUTO, D. F. et al. Violência contra crianças e adolescentes: perfil e tendências decorrentes da Lei nº 13.010. **Rev Bras Enferm**. Brasília, v.71, n.3, p.1313-1323, 2018.

SOUZA, R. G.; SANTOS, D. V. Enfrentando os maus-tratos infantis nas Unidades de Saúde da Família: atuação dos enfermeiros. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.23, n.2, p. 783-800, 2013.